

Conservadorismo versus Progressismo: Apontamentos sobre a historiografia do Israel antigo

Josué Berlesi,

Docente de História Antiga UFPA-Cametá,

Doutorando pela EST. Bolsista da CAPES - Proc. N°: 3141-15-2.

josue.berlesi@bol.com.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma breve introdução sobre a trajetória de pesquisa acerca da história antiga de Israel. Desde sua gênese até a atualidade a investigação da referida temática esteve marcada por posturas conservadoras que, dentre outros elementos, objetivavam atestar a veracidade do relato bíblico, contemporaneamente, porém, tem sido crescente a necessidade de uma profunda revisão de dita história apontando para uma primazia das fontes arqueológicas em detrimento do relato contido no Antigo Testamento.

Palavras-chave: historiografia; Israel antigo; pesquisa histórica.

Conservatism versus Progressivism: Notes on the historiography of Ancient Israel

Abstract: This article aims at presenting a brief introduction about the research trajectory on the ancient history of Israel. Since its genesis to the present the mentioned thematic has been marked by conservative positions that, among other things, aimed to certify the veracity of the biblical account, currently, however, there has been growing need for a thorough review of this history pointing to the primacy of the archaeological sources to the detriment of the Biblical text.

Key words: historiography; Ancient Israel, historical research.

Como será possível observar no decorrer do presente artigo, a trajetória das pesquisas pertinentes ao Israel antigo esteve notadamente marcada pelo trabalho de teólogos e arqueólogos, sendo um tema praticamente ausente em meio aos historiadores que se dedicam ao mundo antigo. Tal característica importante da pesquisa sobre Israel produziu uma historiografia que, em grande parte, se contrapõe aos pressupostos teórico-metodológicos dos profissionais de História. Desse modo, com o intuito de ilustrar dita situação, será necessário tecer algumas considerações gerais que distinguem o trabalho do historiador dos demais pesquisadores dedicados ao tema em questão.

Quando se pensa em historiografia de maneira quase imediata é estabelecida uma relação com o trabalho do historiador, naquilo que é próprio da tarefa desse gênero de profissional. No entanto, quando trata-se da história antiga de Israel é preciso fazer algumas ressalvas, pois, nesse caso, a contribuição dos historiadores foi e tem sido coadjuvante, ou seja, em tal campo os historiadores não são a regra e sim a exceção.

Em certa medida é possível afirmar que um esforço sistemático de pesquisa sobre o Israel antigo teve sua gênese no século XIX dentro da área de estudos bíblicos/teologia

alternando-se entre posturas mais críticas e outras mais conservadoras, como se verá adiante. Lamentavelmente estas últimas angariaram mais espaço. As referidas posturas mais conservadoras são aquelas que, de alguma forma, guardam relação com uma interpretação acrítica do texto bíblico o que acabou gerando uma confusão lastimável: por muito tempo entendeu-se que a narrativa bíblica era a própria história de Israel.

Os tentáculos do conservadorismo infiltraram-se na academia gerando um mal ainda maior, para que se tenha uma idéia o manual de História de Israel de John Bright¹, amplamente utilizado até a década de 1970², defendia uma interpretação da história onde haveria lugar para a intervenção divina. A história, tal como é entendida nos circuitos profissionais de pesquisa, é obrigatória e exclusivamente fruto da ação humana, resultado da ação de homens e mulheres em determinado contexto de tempo e espaço de maneira que todo elemento divino, sobrenatural ou extra-humano não pode ser contemplado em uma explicação histórica.

É evidente que com muita facilidade, na cultura ocidental, aprendeu-se a interpretar a narrativa bíblica como “palavra divina”, como “verdade revelada” o que permite ao público em geral consentir com a intervenção sobrenatural na vida dos humanos. No entanto, essa herança indelével do ocidente cristão não deve afetar o trabalho do historiador o qual se espera seja capaz de identificar esse processo, ou seja, saber identificar de que maneira tal percepção foi herdada.

Levando em consideração o que já foi dito pode-se estender tais informações as fontes usadas pelo historiador. Sabidamente, na temática em questão, o texto bíblico por muito tempo configurou-se como material único de análise. Frente a isso é compreensível o fato da teologia ter sido o sinuelo das pesquisas. Ainda no século XIX, mas mais notadamente no início do século XX a arqueologia entrou em cena, contudo, como mero suporte para a interpretação fundamentalista do texto³. Nesse âmbito a pesquisa arqueológica desenvolveu-se para comprovar a veracidade da “palavra divina” e se as evidências materiais não estivessem de acordo com a narrativa bíblica a falha estaria nas evidências e não no “texto infalível”. Novamente aqui se faz necessário a ressalva quanto a postura do profissional que se dedica a pesquisa histórica: não há nesta profissão fontes que possam ser consideradas “divinas”, “sagradas”, “infalíveis”, “verdade absoluta”. Quando se trata de documentos escritos sabe-se sempre que eles são limitados, parciais, frutos de um determinado contexto e é com essas características que a Bíblia deve ser vista ao se decidir usá-la como fonte para o estudo do Israel antigo.

As afirmações acima não devem ser vistas como ataque ao testemunho religioso em questão até porque tal postura também não seria cabível ao historiador. Uma pesquisa racional e criticamente elaborada não se presta a situações desse gênero. Se por um lado a pesquisa histórica não pode ver a narrativa bíblica como “sagrada” por outro lado também não deve se dedicar ao mero ataque ao texto, pois não é isso que interessa a disciplina histórica. O que deve nortear o historiador que se dedica ao Israel antigo (e os historiadores em geral) é uma interpretação baseada nas evidências e sujeita a evidenciação, como bem explica Hobsbawm em um dos seus célebres livros.⁴

No que concerne a pesquisa sobre a história antiga de Israel nem sempre é possível dispor de um conjunto amplo e sólido de evidências e/ou fontes. Para ilustrar o caso se faz de grande valia apresentar um debate recente que tem ocorrido na área pertinente a sociedade vetero-israelita: de um lado pesquisadores fundamentalistas apegam-se ao texto bíblico para tentar provar a existência de um palácio real que pertenceu ao rei Davi⁵, de outro, arqueólogos sérios afirmam que não existe nenhuma evidência arqueológica de tal palácio⁶. A diferença entre os dois grupos de pesquisadores está no fato de que os fundamentalistas jamais abrirão mão do texto bíblico, pois o consideram infalível, já os arqueólogos envolvidos nesse debate não terão nenhum problema em atestar a pertinência histórica do texto bíblico caso alguma evidência arqueológica sólida der suporte ao texto. Esse exemplo deixa claro que o objetivo dos arqueólogos, ao menos aqueles comprometidos com a pesquisa acadêmica de qualidade, não é discordar do texto bíblico apenas por discordar, o fato é que não há evidências que apontem para a pertinência histórica do texto, os fundamentalistas, por sua parte, se recusam a admitir a falibilidade do texto em qualquer situação.

Até o momento tem-se falado sobre a postura do historiador frente a essa área de estudo, contudo, no início deste texto afirmou-se que esses profissionais são exceções nesse ramo de pesquisa. De fato, a historiografia sobre o antigo Israel tem sido realizada (e segue sendo) por teólogos e arqueólogos configurando-se um órfão acadêmico entre os historiadores. Entretanto, a produção historiográfica, embora seja atribuída aos profissionais da História, pode, eventualmente, acontecer em outros campos. O que caracteriza um trabalho como histórico? É exatamente essa pergunta que Michel de Certeau tenta responder em sua obra "A Escrita da História"⁷, o próprio Michel não possui formação em História, contudo, poucos historiadores se arriscariam a não classificá-lo como historiador. Não se quer dizer com isso que todo e qualquer indivíduo que escreve sobre História deve receber crédito, pois assim até mesmo os revisionistas de ultra-direita teriam seu espaço. O que então pode servir como critério para estabelecer um trabalho como histórico? Vejam-se as palavras do próprio Certeau:

"[...] o que é uma "obra de valor" em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos "objetos" e dos métodos históricos e que, ligada ao meio no qual se elabora, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas". (CERTEAU:1982, p. 72-73)

De acordo com Certeau um dos elementos que atesta o valor histórico de determinada produção está associado ao reconhecimento dos pares, a aceitação do trabalho nos circuitos profissionais de pesquisa. Certeau certamente tem razão em sua afirmativa, porém, existe um lado perverso dessa lógica: tratando-se do Brasil, ao analisarmos o que ainda é utilizado nas graduações em História para o estudo da história antiga de Israel, sem dúvida, vere-se-á os limites das palavras do referido pesquisador. Para que se tenha uma idéia ainda consta em algumas bibliografias universitárias obras como a de John Bright que tratam de Israel como

“povo eleito” o que é plenamente incompatível com a pesquisa acadêmica realizada nos circuitos profissionais mais atualizados, notadamente europeus.⁸

As origens da pesquisa sobre Israel

Tendo feito as devidas considerações necessárias para o estudo do antigo Israel a partir desse momento é possível tecer certas considerações sobre a gênese da pesquisa acerca desse tema. Notadamente o interesse pela sociedade vétero-israelita surge a partir da pesquisa bíblica, nesse sentido - embora seja possível reconhecer uma preocupação com a interpretação do referido texto desde tempos mais remotos (veja-se o caso de Orígenes) - pode-se afirmar que a paternidade de um estudo crítico da narrativa em questão pertence a Baruch Spinoza. O referido pensador é considerado o fundador do criticismo bíblico que veio a dar a luz ao método histórico-crítico uma ferramenta indispensável para a análise do Antigo Testamento, como será possível ver a seguir.

As formulações de Spinoza quanto à leitura do AT foram apresentadas em sua obra “Tratado teológico-político” publicada em 1670, em linhas gerais o citado método auxilia o leitor a distinguir quais passagens são fruto da imaginação e enfabulação e quais podem ter certa pertinência histórica. Evidentemente Spinoza chega a tal formulação apropriando-se de conhecimentos pretéritos como, por exemplo, as declarações de Ibn Ezra, pensador judeu do século XII, que já havia apontado para a improbabilidade da autoria mosaica do Pentateuco⁹. Atualmente sabe-se que é impossível considerar que Moisés tenha sido o autor desse conjunto de textos por uma série de razões: primeiramente pela própria dúvida da existência histórica de Moisés¹⁰, segundo porque a morte do referido personagem está descrita em Deuteronômio 34: 5-12¹¹, desse modo, como é possível o próprio autor ter relatado o seu falecimento? E por último, se considerarmos a possibilidade da existência histórica de Moisés é de se supor que este indivíduo viveu no século XIII a.C. período em que não existia alfabetização¹² na língua hebraica, língua esta em que foi redigida a narrativa veterotestamentária.

De qualquer forma o importante é que Spinoza abriu caminho para o posterior fortalecimento da investigação bíblica que teve significativos avanços a partir do século XIX. Em 1880, por exemplo, Julius Wellhausen formulava a teoria JEDP a qual se prestava a explicar de maneira mais detalhada o processo de composição do Pentateuco.¹³

Paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa bíblica a arqueologia começava a dar seus primeiros passos no território da Palestina. Antes mesmo das escavações propriamente ditas a região que hoje abriga o moderno estado de Israel recebeu a visita de religiosos que desempenharam importante função no que concerne ao mapeamento e localização de sítios bíblicos. Certamente um dos mais proeminentes foi o ministro americano Edward Robinson que acompanhado do missionário Eli Smith percorreu a região em 1838 identificando uma série de lugares descritos na Bíblia.¹⁴

Após a segunda metade do século XIX a exploração da Palestina deixa de ser obra de agentes isolados e passa a contar com instituições organizadas para esse fim. Exemplo de tal situação é o surgimento da britânica *Palestine Exploration Fund* em 1865 que tinha claramente o interesse de proteger os “documentos” da fé cristã.¹⁵

Desde então a Arqueologia e a Teologia concorreram paralelamente no estudo da sociedade do antigo Israel. A primeira obra a mesclar aspectos dessas duas áreas surgiu em 1888 fruto do trabalho de Rudolf Kittel que conseguiu englobar em seu texto os resultados das escavações e a análise literária do AT.¹⁶ Entretanto a maior parte das pesquisas não foi exitosa nesse diálogo, a partir do início do século XX ocorreu uma espécie de cisma entre arqueólogos (sobretudo americanos) e teólogos (sobretudo alemães).

A história de Israel entre a exegese e as escavações

As primeiras décadas do século XX foram palco do surgimento de uma disciplina, a saber: a Arqueologia Bíblica. O seu fundador foi Willian Albright¹⁷ um religioso de cidadania americana, mas que nasceu no Chile quando seus pais desempenhavam atividades missionárias para a Igreja Metodista. Apesar de um notável conservadorismo em sua produção não se pode dizer que Albright era um fundamentalista religioso o que não é possível afirmar de alguns de seus seguidores como, por exemplo, George Wright. A arqueologia desenvolvida por Albright pretendia dar um caráter científico para a defesa da historicidade da narrativa bíblica.

A participação da arqueologia nesse processo entrou em nova fase a partir da década de 1950 quando começa a se estruturar uma arqueologia propriamente israelense que foi possível devido ao recém criado Estado de Israel. Até essa data as pesquisas praticadas na Palestina contavam com mão-de-obra e financiamento estrangeiros. No entanto, a referida nova fase não conseguiu libertar-se do papel de coadjuvante, pois o protagonismo permanecia com a Bíblia. A principal diferença entre a arqueologia estrangeira e a israelense reside no fato de que a primeira estava empenhada em comprovar a narrativa bíblica ao passo que a segunda estava empenhada em criar uma identidade nacional a indivíduos de diversas partes do mundo que haviam migrado para Israel com o advento da criação do novo país.¹⁸ Essa arqueologia nacionalista apoiava-se no relato veterotestamentário para comprovar o direito de pertença a terra, pois, de acordo com a tradição judaica, ela havia sido doada por deus aos patriarcas de Israel, assim, a preocupação dos arqueólogos era chegar até o estrato de ocupação israelita para atestar tal herança.

Por sua parte a área de estudos bíblicos conseguiu progressos importantíssimos no sentido de apresentar uma hipótese histórica para o surgimento de Israel que destoava do relato da Bíblia. Esse dado pode parecer paradoxal ao leitor, contudo, foi exatamente o que aconteceu: ao passo que a arqueologia mantinha-se numa postura de defesa da historicidade do texto a exegese bíblica, principalmente praticada na Alemanha, revelou-se mais

progressista, ou seja, os próprios biblistas passaram a apresentar resultados que contrastavam com o relato bíblico, como será possível ver a seguir.

Albrecht Alt, renomado exegeta alemão, foi capaz de demonstrar a improbabilidade de uma conquista militar de Canaã sob a liderança de Josué tal como descreve o AT. Para Alt a formação do grupo social de Israel foi possível mediante uma infiltração gradual e pacífica de tribos semi-nômades no território palestinese. Mesmo com todo o progresso da pesquisa acadêmica ainda não há consenso sobre de que forma ocorreu a fixação de Israel no território da Palestina, no entanto, existe um consenso de que a hipótese bíblica da conquista não é plausível.¹⁹

De qualquer forma um salto qualitativo na pesquisa sobre a sociedade vetero-israelita só veio a acontecer a partir da década de 1990. Uma obra fundamental nesse período foi o texto de Philip Davies intitulado “In Search of ‘Ancient Israel’”²⁰ que apresentou de forma muito acertada a inexistência de uma história de Israel acadêmica, até então muito dependente do relato do AT.

Outro marco essencial nesse processo foi a criação do Seminário Europeu sobre Metodologia Histórica em 1996 na cidade de Dublin, Irlanda. O referido seminário contestou fortemente a validade do texto bíblico para um estudo acadêmico do Israel antigo apontando para uma história de Israel centrada essencialmente nas evidências epigráficas e arqueológicas e isso deveu-se a uma razão muito simples: as referidas evidências são contemporâneas aos fatos ao passo que o texto bíblico é, na grande maioria dos casos, muito posterior aos eventos, desse modo, como é possível preservar-se informação de pertinência histórica com uma larga distância temporal entre o evento e o relato? Apenas para citar um exemplo dessa situação: a Bíblia que, em partes, foi redigida no século VII a.C.²¹ narra supostos eventos do século XIII a.C., nesse caso, são mais de cinco séculos de distância entre o suposto evento e a sua narração o que leva a questionar severamente a possibilidade desse relato preservar fidelidade ao acontecido.

As discussões geradas a partir do Seminário Europeu levaram certo grupo de pesquisadores a desacreditarem da possibilidade de se escrever uma história de Israel que fosse condizente com a realidade desse grupo social no mundo antigo. Parte dessas discussões foram sintetizadas na obra “Pode uma história de Israel ser escrita?”²². Sem sombra de dúvida os eventos e publicações gerados pelo citado seminário representam o maior avanço visto até o momento sobre a história antiga de Israel. Uma das percepções compartilhadas pelos envolvidos nessa agremiação reside no fato de que não é possível fazer uma história apenas de Israel sem considerar os grupos sociais vizinhos a essa sociedade no mundo antigo. A história de Israel que vigorou no Ocidente foi fruto de uma interpretação desencadeada por religiosos e nacionalistas que idealizaram o Israel bíblico fazendo com que este grupo social monopolizasse o passado da antiga Palestina. Do ponto de vista das pesquisas atuais a nomenclatura “História de Israel” caiu em desuso sendo substituída por “História do Levante” ou “História da Síria-Palestina” que representa justamente essa

ampliação do foco de análise, ou seja, uma investigação que contemple toda região e não privilegie apenas uma parte desse território.²³

Os avanços obtidos desde a gênese das investigações não conseguiu, contudo, eliminar o viés fundamentalista²⁴. Ainda no século XXI encontramos indivíduos que insistem em comprovar a total veracidade da narrativa bíblica. A disputa desses indivíduos com os membros do Seminário Europeu gerou um debate que ficou conhecido como maximalismo *versus* minimalismo²⁵. Os maximalistas, nesse caso, são os fundamentalistas que sustentam que da Bíblia se pode extrair o máximo de informações históricas ao passo que os minimalistas afirmam o oposto, ou seja, que do texto bíblico se pode extrair o mínimo de informações históricas confiáveis.

Numa tentativa de síntese pode se dizer então que, a *grosso modo*, o desenvolvimento das pesquisas sobre a temática aqui tratada constituiu três correntes de interpretação: maximalismo, minimalismo e exegese histórico-crítica. A primeira delas na realidade esteve presente desde o início das investigações muito embora o termo “maximalismo” só tenha surgido recentemente. Os indivíduos filiados a essa linha de interpretação possuem formação nas áreas de Teologia e/ou Arqueologia, no entanto, independente da área de formação o elemento comum a esse grupo reside na tentativa de defesa da historicidade do texto bíblico.

O minimalismo, da mesma forma, congrega pesquisadores de áreas distintas dentre eles os mais reconhecidos catedráticos no tema²⁶. Contudo, é preciso reconhecer que a geração que deu início ao Seminário Europeu era basicamente composta por *biblical scholars*, ou seja, profissionais que atuavam nos departamentos de estudos bíblicos de algumas universidades européias, com destaque principal para a Universidade de Copenhague na Dinamarca.²⁷

A exegese histórico-crítica, por sua vez, foi fundamental nos primórdios da pesquisa sobre o tema em questão por ter sido pioneira ao abalar a matriz fundamentalista. É inegável que os exegetas conseguiram apresentar uma interpretação do texto bíblico apontando a fronteira entre a história e a literatura, entre a plausibilidade dos fatos e a mera ficção. No entanto a contribuição desses pesquisadores ficou bastante restrita aos ambientes teológicos, alguns deles chegaram a ter contatos esporádicos com a arqueologia, mas sua ferramenta principal de trabalho foi o método histórico-crítico.²⁸

Frente ao exposto até aqui fica evidente a dificuldade que a pesquisa sobre o antigo Israel enfrentou para adquirir um caráter acadêmico afastando-se assim da militância religiosa ou nacionalista sem esquecer, evidentemente, que essas nuances ainda persistem em instituições mais conservadoras²⁹. Isso mostra a necessidade que ainda existe de se progredir num estudo acadêmico da sociedade vétero-israelita e certamente o melhor ferramental para isso foi apresentado pelos pesquisadores de conotação minimalista.

Ao que tudo indica o minimalismo foi o único capaz de promover um diálogo sério entre a exegese e a arqueologia apontando que esta última deve assumir a primazia nos estudos do Israel antigo ou, como já mencionado, nos estudos do Levante antigo. De fato, a influência da Bíblia que vigorou por tantos anos nessa área acabou deturpando a interpretação histórica

acerca desse passado. Um exemplo bastante nítido dessa situação encontramos na interpretação que Ygael Yadin – pai da arqueologia israelense – fez do versículo de I Reis 9:15 que menciona a atividade construtora do rei Salomão nos sítios de Hazor, Gezer e Megiddo. O fato de estruturas arquitetônicas similares terem sido encontradas nos três sítios levou Yadin a concluir pela existência histórica de Salomão, contudo, métodos de datação aplicados posteriormente comprovaram que existe uma distância temporal abissal entre as estruturas o que torna impossível associá-las a Salomão³⁰. Este exemplo deixa claro como a influência bíblica atrapalhou a interpretação da história e é justamente por isso que a agenda atual é promover uma ênfase nas evidências epigráficas e arqueológicas justamente por serem contemporâneas aos eventos.

NOTAS

¹ BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva, São Paulo: Paulinas, 1978.

² No Brasil a referida obra encontra-se em sua sétima edição. Veja-se: http://www.paulus.com.br/loja/historia-de-israel_p_910.html, visto em 19/05/2015.

³ Para uma breve percepção da trajetória da pesquisa arqueológica em Israel veja-se a obra descrita na nota 14.

⁴ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 08.

⁵ Em reportagem da Folha de São Paulo consta que a arqueóloga Eliat Mazar, responsável pelas escavações, recebeu um financiamento de US\$ 500 mil de um fundamentalista judeu que tem por objetivo demonstrar que “a Bíblia reflete a história judaica”. Veja-se em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0608200505.htm> acessado em 17/09/2012.

⁶ Veja-se: FINKELSTEIN, Israel., & SILBERMAN, Neil. A. *David and Solomon: in search of the Bible's sacred Kings and the Roots of Western tradition*. New York: Free Press, 2006. E também: FINKELSTEIN, Israel., & SILBERMAN, Neil. A. *A Bíblia não tinha razão* (2ª ed.). (T. Magalhães, Trad.) São Paulo: A Girafa, 2004.

⁷ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

⁸ É preciso reconhecer, porém, que o problema da desatualização bibliográfica atinge a maior parte da antiguidade oriental. Em certa medida isso se deve ao fato de que o Oriente Antigo ainda carece de mais atenção na academia nacional. Sabidamente a ampla maioria dos docentes de história antiga no país trabalha com temáticas relacionadas ao mundo clássico.

⁹ Veja-se: <http://blog.airtonjo.com/2012/08/espinoza-um-dos-pais-da-moderna-critica.html>, acessado em 16/09/2012.

¹⁰ Veja-se FOX, Robin Lane. *Bíblia verdade e ficção*. Tradução de Sergio Flaksman, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹¹ “5 Assim, morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor. 6 Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura. 7 Tinha Moisés a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor. 8 Os filhos de Israel prantearam Moisés por trinta dias, nas campinas de Moabe; então, se cumpriram os dias do pranto no luto por Moisés. 9 Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés impôs sobre ele as mãos; assim, os filhos de Israel lhe deram ouvidos e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés. 10 Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face, 11 no tocante a todos os sinais e maravilhas que, por mando do Senhor, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais e a toda a sua terra; 12 e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel”. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1998.

¹²Finkelstein sustenta que uma alfabetização que possibilitasse a escrita de textos em hebraico só foi possível a partir do século VIII a.C. Veja-se: FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai. *The quest for the historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2007.

¹³ Para mais informações veja-se: PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁴ CLINE, Eric H. *Biblical Archaeology: A very short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2009.

¹⁵ Mais informações podem ser obtidas na dissertação de mestrado de Gabriella Rodrigues. Veja-se: RODRIGUES, Gabriella B. *Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativa e discursos acerca da história de sua constituição como disciplina*, UNICAMP, 2011.

¹⁶ Veja-se: VARO, Francisco. *El Antiguo Testamento y la Historia*. Disponível em: <http://www.almudi.org/Inicio/tabid/36/ctl/Detail/mid/386/aid/79/paid/0/Default.aspx>, acessado em 18/09/2012.

¹⁷ Dentre algumas das principais obras de Albright encontram-se: ALBRIGHT, W. F. *The Archaeology of Palestine and the Bible*. New York: Fleming H. Revell, 1932 e ALBRIGHT, W. F. *From the Stone Age to Christianity*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1948.

¹⁸ Para mais informações veja-se: RODRIGUES, Gabriella B. ; FUNARI, Pedro Paulo A. . *Considerações sobre a Trajetória Inicial da Arqueologia Bíblica*. Mosaico (Goiânia), v. 2, p. 95-101, 2009.

¹⁹ A esse respeito veja: http://www.airtonjo.com/historia_israel.htm, acessado em 18/09/2012.

²⁰ DAVIES, Philip R. *In Search of 'Ancient Israel*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1992.

²¹ FINKELSTEIN & MAZAR: 2007.

²² GRABBE, Lester L. (ed.) *Can a 'History of Israel' Be Written?* Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

²³ Mais informações sobre o Seminário Europeu podem ser vistas em: <http://blog.airtonjo.com/2012/07/17-e-ultimo-seminario-europeu-sobre.html>, acessado em 20/09/2012.

²⁴ Veja-se, por exemplo: Dever, W. G. Review: Excavating the Hebrew Bible or burying it again? *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (322), pp. 66-77, 2001.

²⁵ http://atheism.about.com/library/books/religion/bl_books_BAR01.htm, acessado em 21/09/2012.

²⁶ Uma boa percepção da historiografia minimalista pode ser encontrada na obra: GRABBE, Lester L. *Ancient Israel: what do we know and how do we know it?*, London: t & t Clark, 2007.

²⁷ Atualmente dois nomes centrais nessa área de pesquisa aposentaram-se da referida universidade: Thomas Thompson e Niels Peter Lemche.

²⁸ Um exemplo de tal produção utilizado no Brasil foi o manual de História de Israel de Martin Noth. NOTH, Martin. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.

²⁹ O departamento de Arqueologia da Universidade de Austin no Texas abrigou e ainda abriga pesquisadores que flertam com o fundamentalismo. Veja-se o caso da obra: PRICE, Randal. *Pedras que clamam*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

³⁰ A esse respeito veja-se: FINKELSTEIN, Israel. *Una actualización de la Cronología Baja: Arqueología, Historia y Biblia*. Buenos Aires: Antiguo Oriente, volumen 6, 2008.

BIBLIOGRAFIA

- ALBRIGHT, W. F. *From the Stone Age to Christianity*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1948.
- ALBRIGHT, W. F. *The Archaeology of Palestine and the Bible*. New York: Fleming H. Revell, 1932.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva, São Paulo: Paulinas, 1978.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CLINE, Eric H. *Biblical Archaeology: A very short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2009.
- DAVIES, Philip R. *In Search of 'Ancient Israel*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1992.
- DEVER, W. G. Review: Excavating the Hebrew Bible or burying it again? *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (322), pp. 66-77, 2001
- FINKELSTEIN, Israel. 2008. *Una actualización de la Cronología Baja: Arqueología, Historia y Biblia*. Buenos Aires: Antiguo Oriente, volumen 6, p. 115-136.
- FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai. *The quest for the historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Leiden; New York; Köln: E.J. Brill, 2007.
- FINKELSTEIN, Israel., & SILBERMAN, Neil. A. *A Bíblia não tinha razão* (2ª ed.). (T. Magalhães, Trad.) São Paulo: A Girafa, 2004.
- FINKELSTEIN, Israel., & SILBERMAN, Neil. A. *David and Solomon: in search of the Bible's sacred Kings and the Roots of Western tradition*. New York: Free Press, 2006
- FOX, Robin Lane. *Bíblia verdade e ficção*. Tradução de Sergio Flaksman, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GRABBE, Lester L. *Ancient Israel: what do we know and how do we know it?*, London: t & t Clark, 2007.
- GRABBE, Lester L. (ed.) *Can a 'History of Israel' Be Written?* Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 08.
- NOTH, Martin. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.
- PRICE, Randal. *Pedras que clamam*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, Gabriella B. *Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativa e discursos acerca da história de sua constituição como disciplina*, UNICAMP, 2011.

RODRIGUES, Gabriella B. ; FUNARI, Pedro Paulo A. . *Considerações sobre a Trajetória Inicial da Arqueologia Bíblica*. Mosaico (Goiânia), v. 2, p. 95-101, 2009.

VARO, Francisco. El Antiguo Testamento y la Historia. Disponível em: <http://www.almudi.org/Inicio/tabid/36/ctl/Detail/mid/386/aid/79/paid/0/Default.aspx>, acessado em 18/09/2012.